

BETAR & ARTES & LETRAS

#123 | OUTUBRO | 2020

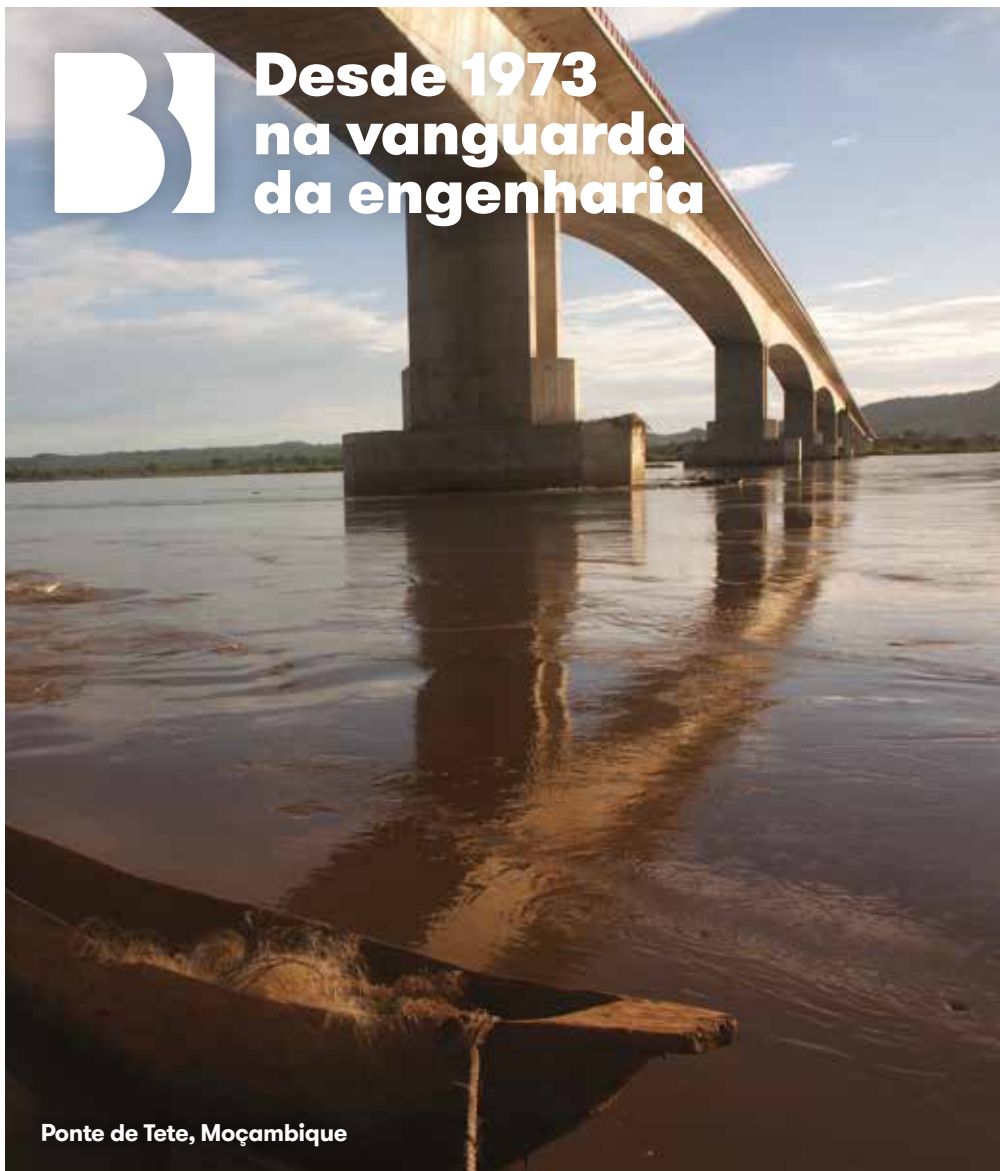
festa do cinema francês

retrospectiva dedicada à obra
da feminista Delphine Seyrig

B
Betar



**Desde 1973
na vanguarda
da engenharia**



Ponte de Tete, Moçambique

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Os novos tempos são de instabilidade e insegurança e apelam à inovação e criatividade. Entre edições especiais e formatos reinventados, reorganizações e criação de novas estruturas, os espetáculos culturais vão reaparecendo.

Prova disso são os dois festivais de cinema que decorrem este mês em Lisboa. A Festa do Cinema Francês irá exibir cerca de 50 filmes, alguns dos quais transmitidos em streaming para todo o país. O festival tem como destaque a retrospectiva dedicada à obra da feminista Delphine Seyrig. Quanto ao Doclisboa, chega num novo formato. Será apresentado em seis momentos, ao longo de seis meses. O primeiro inclui uma viagem pelo universo do cinema georgiano.

Noutro registo, surge o Lisbon Under Stars, um espetáculo imersivo onde se conta a história de Portugal através de projeções multimédia, bailarinos virtuais e efeitos visuais.

No que respeita a concertos, Samuel Úria atua no Tivoli BBVA; Joana Gama toca ao piano “O Livro dos Sons”, a obra-prima de Hans Otte; a Orquestra Metropolitana de Lisboa apresenta obras de Mendelssohn, Haydn e Mozart; e ao palco do CCB sobe Mário Costa, baterista e percussionista português, que se junta ao pianista Benoît Delbecq e ao contrabaixista Bruno Chevillon para um concerto de jazz.

Quanto à entrevista desta edição, devemos o nosso agradecimento ao arquiteto Luís Pereira Miguel, que nos conta um pouco do seu percurso e dos desafios da profissão.

Tiago Mendonça

editor convidado

EDITORIAL

BETAR

A BETAR foi convidada pelo CEAR para realizar trabalhos de consultoria para o projeto detalhado de reabilitação e reforço da ponte do Rio Shire



A

ponte sobre o Rio Shire é fundamental para a ligação ferroviária Norte/Sul do Malawi. A ponte existente revelou patologias diversas que limitam a sua capacidade de operação.

A BETAR realizou uma avaliação pormenorizada à sua condição, por intermédio de inspeção visual, avaliação estrutural, varrimento por multi-feixe e levantamento batimétrico e Estudo Hidrológico e Hidráulico. Ponderaram-se diversas soluções, tendo-se optado por construir uma nova ponte. Uma vez que o tráfego ferroviário não pode ser suspenso, e dadas as condições adversas do rio neste local, a BETAR desenvolveu uma solução que passa pela construção da nova ponte no lado de jusante, com pilares a executar em zonas de baixa profundidade, e o tabuleiro constituído por uma solução mista (vias metálicas de alma cheia, e tabuleiro composto por painéis de betão pré fabricados). A ferrovia existente foi também realinhada para manter o tráfego em circulação.

Ponte sobre o Rio Shire, Malawi

Obra: 2018

Dono da obra: CEAR – CENTRAL EAST AFRICAN RAILWAYS

Especialidades: Engenharia Civil, Estruturas, Coordenação, Inspeção

À CONVERSA COM

Arq. Luis Pereira Miguel

‘Cada vez mais, quando vejo outras obras, que gosto, de outros colegas, sinto um grande respeito. Não é nada fácil fazer bem feito’



ARQ. LUIS PEREIRA MIGUEL

Porque escolheu arquitetura?

Escolhi ser arquiteto com 11 ou 12 anos. Foi uma escolha ainda inconsciente. Tive acesso durante uns anos ao atelier do mestre escultor Soares Branco, nos Coruchéus, junto à casa dos meus pais em Alvalade. Passava lá os sábados de manhã a ver os bustos, as medalhas, a brincar com o barro e a desenhar. Adorava, e isso fez crescer em mim a ideia de ser artista plástico ou arquiteto. Talvez porque me fascinava a arquitetura do espaço e a maneira como a luz entrava no atelier n.º1.

Quais os maiores ensinamentos dos arquitetos com quem começou por trabalhar?

Comecei a trabalhar durante o curso, no 3o ano, no atelier do Arq. Eduardo Trigo de Sousa, que me acolheu e me ensinou as bases do trabalho de arquiteto. Era uma pessoa de grande coração, muito amável e com uma grande cultura. Falava muito sobre as suas histórias de vida, projetos passados, as colaborações com o Conceição Silva, o Vitor Figueiredo... Ensinou-me a gentileza com que se devem tratar os outros. Depois do curso trabalhei alguns anos para o atelier Contemporânea, do Manuel Graça Dias e Egas José Vieira. Tínhamos um bom ambiente no atelier e projetos interessantes como a Margueira ou o Teatro Azul. Foi uma época de grande experimentação.

O que procura em cada projeto?

Hoje em dia procuro uma compreensão

clara de todas as fases de um projeto, antecipar problemas e responder da forma certa a cada desafio concreto. Tento seguir os meus instintos cada vez mais, deixar-me levar sem grande autocritica estético/formalista. Por último, quero fazer coisas simples, que não sejam dispendiosas nem extremamente difíceis. Julgo que este é o grande desafio do atelier, tanto no funcionamento como na produção, simplificar.

Como surgiu a PM-ARQ?

Surgiu há 15 anos de forma curiosa. Estava a trabalhar com outros dois colegas, em concursos e pequenos projetos. Tivemos alguma projeção em revistas do meio e na internet. Eles já tinham uma empresa e eu achava que o mais lógico era fazer parte disso e avançarmos em conjunto. Não quiseram e eu formei a minha própria empresa. Eles já não existem e eu tenho uma prática sustentável.

Quais são os ideais do atelier e o que é que vos diferencia?

O atelier é de pequena dimensão, entre sete e dez pessoas. Fazemos de tudo um pouco e isso é uma grande vantagem. Aprendi a ser arquiteto dessa maneira, a mudar de escala, a perceber a lógica dos desafios e a dar tudo em cada coisa. Esse compromisso com o projeto é a nossa grande diferença. Ideias temos muitas mas concretizá-las não é fácil. Cada vez mais, quando vejo outras obras, que gosto, de outros colegas, sinto um grande respeito. Não é nada fácil fazer bem feito,



exige muito de todos os envolvidos e uma luta constante com a burocracia.

O PM-ARQ venceu diversos concursos. O que vos trouxe esses reconhecimentos?

Houve uma fase em que fizemos muitos concursos, nacionais e internacionais. No início de carreira, sem encomendas de primos ou tios, restam-nos os concursos. A determinada altura vencemos um concurso internacional com mais de 700 participantes para o grupo Benetton. Durante alguns anos desenhámos lojas para a Benetton e para a Sisley em Itália e na Rússia. Acabaram por não ser construídas mas outras oportunidades foram surgindo como conferências, júris, palestras e eventos.

Quais são os principais desafios e obstáculos para a arquitetura nacional?

Existem dois grandes desafios para a nossa área e um grande obstáculo. Os desafios são a tecnologia crescente, tanto o BIM como as plataformas digitais de publicação de arquitetura, e a velocidade de todos estes fenómenos. O segundo será a crescente preocupação ambiental com as fontes de energia, os recursos e as matérias primas. Não existe ainda uma forma de trabalhar nesse meio e tudo é muito fruto de legislação avulsa.

O obstáculo é a burocracia de tudo e em tudo. Incluo nisto a legislação imensa e em constante transformação. Quem trabalha com licenciamento sabe do que falo. É impossível trabalhar neste ambiente que nos vai atrasar para sempre e matar a nossa sanidade mental.

A pandemia afetou ou fez repensar muitas coisas no vosso trabalho?

Ninguém pode afirmar que não foi afetado com a pandemia. No entanto, tínhamo-nos preparado antes para trabalhar remotamente. O trabalho também não parou. Fez-me ver que a nossa profissão continua a precisar de contacto, de troca de ideias, de uma folha em cima de uma mesa com gente a escrever. O futuro será um balanço disto. É bom porque nos dá uns dias de concentração e uns dias de comunhão.

Qual é a visão para o futuro do atelier?

Julgo que no atelier gostávamos todos de ter mais calma para fazer as coisas mas a velocidade é um dos atributos do mundo moderno e é difícil contrariar. A minha visão, é a de um sítio onde eu continue a sentir que me quero levantar da cama para trabalhar. Não interessa se é para desenhar um empreendimento de luxo ou uma cabana de pescador.

SUGESTÕES

Os novos tempos são de instabilidade e insegurança e apelam à inovação e criatividade. Entre edições especiais e formatos reinventados, os espetáculos culturais vão reaparecendo

TEATRO



Amado monstro

Esta peça retrata a vivência de um homem que, subjugado pela mãe, só aos 47 anos se candidata ao seu primeiro emprego – guarda noturno da garagem de um banco. Durante a entrevista com o diretor de recursos humanos da empresa, os dois homens criam uma empatia pouco comum neste tipo de situações, ao perceberem que ambas as mães são possessivas e nunca lhes deram grande liberdade. Porém, ambos têm algo a esconder, quer no passado, quer no presente e, no final da conversa, percebem que nada têm em comum. **ATÉ 25 DE OUTUBRO**

Teatro da Trindade
Autoria: Javier Tomeo
Encenação e interpretação: João Didelet e Marcantonio Del Carlo

ARTES

Lisbon Under Stars

O Lisbon Under Stars regressa a Lisboa. Trata-se de um espetáculo imersivo onde se misturam projeções multimédia, bailarinos virtuais e efeitos visuais. As paredes do Carmo são transformadas numa tela tridimensional e a voz de Catarina Furtado conta-nos mais de 600 anos da história de Portugal. Cada momento desta viagem será enfatizado ao som de Amália Rodrigues, Fernando Lopes Graça, Luis Freitas Branco, Madredeus, Salvador Sobral e Zeca Afonso. O evento conta ainda com a participação especial de Mariza, Rão Kyao, Teresa Salgueiro e dos bailarinos da Companhia Nacional de Bailado. **ATÉ 31 DE OUTUBRO**



Ruínas do Carmo, Lisboa

ARTES



Nuno Teotónio Pereira – O Revolucionário Discreto

Nuno Teotónio Pereira, nasceu a 30 de janeiro de 1922. Em abril de 1949, forma-se como Arquiteto pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Para além do seu papel como autor e coautor de dezenas de projetos é também um histórico defensor de direitos cívicos e políticos durante o regime salazarista. Entre as diversas condecorações, recebeu a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, em 1995, e a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, em 2004. Foi um dos arquitetos precursores na área da habitação social e foi, durante dez anos, presidente do Conselho Diretivo Nacional da Associação dos Arquitetos Portugueses, que deu origem à atual Ordem dos Arquitetos. Esta exposição constitui uma homenagem ao seu legado e à inegável contribuição que deu à arquitetura portuguesa. **ATÉ 14 DE NOVEMBRO**

Círculo da Arquitetura,
Cruz Quebrada

MÚSICA E DANÇA



Samuel Úria

DIA 6 DE OUTUBRO NO TIVOLI BBVA, LISBOA

“Canções do Pós-Guerra” é o título do novo trabalho de Samuel Úria. Neste caso, a “guerra” será, como sempre, interior e espiritual. Uma vez mais, Samuel Úria obriga-nos a olhar para dentro. Não num exercício egocêntrico mas antes como parte de um caminho de necessária partilha.

Joana Gama

DIA 9 DE OUTUBRO NA CULTURGEST, LISBOA

Escrita entre 1979 e 1982, “O Livro dos Sons” é a obra-prima de Hans Otte e um momento de rara luminosidade da criação artística do século XX. Trata-se de uma composição para piano solo que precisa de ser partilhada, uma vez que tem estado “escondida” do grande público.



Orquestra Met. de Lisboa

DIA 24 DE OUTUBRO NO TEATRO THALIA, LISBOA

Com obras de Mendelssohn (Sinfonia para Cordas N.º 1 e N.º 6), Haydn (Concerto para Trompa e Orquestra N.º 1, Hob. VIIId:3) e Mozart (Divertimento para Cordas, KV 136), adivinha-se um agradável serão de outono na companhia dos músicos da OML, com violino e direção musical de José Pereira.

Mário Costa

DIA 31 DE OUTUBRO NO CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA

Em poucos anos, Mário Costa, baterista e percussionista português, tornou-se um caso sério de sucesso no jazz internacional, atuando ao lado de músicos como Michel Portal, Wynton Marsalis e Joachim Kühn. Neste concerto, junta-se ao pianista Benoît Delbecq e ao contrabaixista Bruno Chevillon.



CINEMA

Festa do Cinema Francês



Festa do Cinema Francês regressa em Outubro a quatro cidades portuguesas: Lisboa (8 a 21 de Outubro), Porto (29 Outubro a 4 de Novembro), Coimbra (21 a 24 de Outubro) e Almada (14 a 18 de Outubro) e promete levar às salas algumas das mais interessantes novidades da cinematografia de França, assim como obras incontornáveis da história do cinema mundial. Serão exibidos cerca de 50 filmes, incluindo mais de 20 antestreias, e alguns dos filmes serão transmitidos em streaming para todo o país, em paralelo com a exibição em sala. O festival tem como foco uma retrospectiva dedicada à obra da feminista Delphine Seyrig, que percorre o essencial da sua carreira como atriz e cineasta, incluindo o filme realizado com Carole Roussopoulos e Ioana Wieder, “Les trois portugaises”. **DE 8 DE OUTUBRO A 4 DE NOVEMBRO**

Cinema São Jorge,
Cinemateca Portuguesa,
Auditório Fernando Lopes
Graça, Teatro Académico
Gil Vicente, Teatro Rivoli



CINEMA

Doclisboa



Doclisboa está de regresso para a 18ª edição e traz algumas novidades. Como sempre, oferece a oportunidade de ver o mundo a partir das salas de cinema e de imaginar, refletir e questionar o que nos rodeia. No entanto, esta é uma edição

especial que teve de se reinventar, criando um formato diferente. O festival não se estrutura nas habituais secções e competições. Reorganiza-se em seis módulos distintos de programação, que serão apresentados em seis momentos, entre Outubro de 2020 e Março de 2021. O primeiro momento (de 22 de Outubro a 1 de Novembro), que apresentará uma programação em sala e online, inclui uma viagem pelo universo do cinema georgiano e um ciclo sobre o trabalho nas suas múltiplas representações ao longo da história do cinema.

DE 22 DE OUTUBRO A 1 DE NOVEMBRO

Cinema São Jorge,
Cinemateca Portuguesa,
Culturgest, Cinema Ideal



VIAGEM

São Miguel, Açores



uma altura em que as viagens para o estrangeiro estão condicionadas, a nossa sorte é que não precisamos de sair de Portugal para visitar paraísos perfeitos. Os Açores são um lugar mágico e a ilha de São Miguel tem algumas das mais emblemáticas paisagens do arquipélago.

A cidade de Ponta Delgada é fabulosa. O branco das casas emerge de uma calçada portuguesa de rocha negra basáltica. Entre pelas Portas da Cidade e deambule pelas ruas estreitas até ao Forte São Brás, Convento da Esperança, Igreja Matriz e Palácio da Conceição.

Depois de visitar as obras do Homem, inspire o que a ilha tem de mais deslumbrante, a natureza. A Lagoa das Sete Cidades, com uma parte azul e outra verde, é a imagem de marca de São Miguel. Mas é a Lagoa do Fogo, provavelmente, a mais bela da ilha. Não deixe de ir até lá. E para um mergulho, na Ferraria a água aquecida por vapores vulcânicos mistura-se com a água fria do mar, formando uma piscina natural. Já a Caldeira Velha tem uma queda de água quente que escorre até uma pequena lagoa.

Imperdíveis são também as Furnas. Vale a pena explorar os geysers no meio da povoação e no parque. Prove o pão levedo e o cozido. A Poça da Dona Beija é um conjunto de nascentes férreas lá próximo. As águas estão perto dos 39º C e são muito relaxantes.

No coração da Ribeira Grande, a vila de Rabo de Peixe permanece quase intocável. Construída sobre falésias escarpadas, é um ótimo local para conhecer as atividades de pesca. Tradicionais são também as plantações de chá da Gorrena, uma paisagem encantadora. E ir de barco até ao ilhéu de Vila Franca do Campo constitui igualmente um belíssimo passeio.



DEP: Exposição colectiva de Desenho, Escultura e Pintura Centro Cultural Franco-Moçambicano, Maputo

Esta mostra apresenta obras de oito artistas de diferentes gerações e disciplinas, representantes da criatividade e inventividade das artes plásticas moçambicanas. Com curadoria de Filipe Branquinho, a exposição conta com a participação dos seguintes artistas: Bata, Carmen Maria, Celestino Mudaulane, Ídasse, Ndlozy, Pekiwa, Saranga e Simione.

ATÉ 30 DE OUTUBRO

Ciclo de Cinema Universitário Centros de Língua Portuguesa em Nampula, Niassa, Maputo, Gaza

Está a terminar a 1.ª edição do Ciclo de Cinema Universitário, organizada pelos Centros de Língua Portuguesa em Nampula, Niassa, Maputo e Gaza. O evento consiste na exibição de longas metragens, portuguesas e moçambicanas, em vários pontos do país, com entrada gratuita em todas as sessões. A atividade tem como objetivos, não só dar a conhecer alguns filmes portugueses e moçambicanos mais recentes, mas também, fomentar o interesse pela produção cinematográfica lusófona, criar um espaço de problematização da realidade e promover o respeito por diferentes culturas. O último filme do ciclo é “Os Gatos Não Têm Vertigens”, de António Pedro Vasconcelos, com exibição em Maputo e Gaza, dia 7, e em Nampula e Niassa, dia 17. **DIAS 7 E 17 DE OUTUBRO**



Bufo & Spallanzani de Rubem Fonseca

Bufo & Spallanzani” é um romance policial de Rubem Fonseca, publicado em 1985. Rubem Fonseca trabalhou na Polícia do Rio de Janeiro e consegue, de forma brilhante, transpor essa experiência para esta obra.

Narrado na primeira pessoa, com várias histórias que se cruzam, começa por contar a história de um escritor de sucesso chamado Gustavo Flávio – antes Ivan Canabrava –, envolvido na investigação da morte de uma socialite chamada Delfina Delamare, da qual era amante. Na segunda parte, intitulada “Meu passado negro”, ficamos a conhecer melhor Gustavo Flávio. Antes de ser escritor, tinha sido professor primário, até conhecer Zilda, que lhe arranhou um emprego numa empresa de seguros. Nessa fase, o seu nome era Ivan Canabrava e teve de investigar o caso de um fazendeiro que morreu pouco depois de fazer um seguro milionário. Na terceira parte, outra história com a mesma pergunta: “quem matou?”. Gustavo Flávio está hospedado numa pensão para escrever o seu livro. Desta vez, Suzy, uma das hóspedes, foi assassinada. “A prostituta das provas”, quarta e penúltima parte, começa a desvendar o assassinato de Delfina. Guedes, o detetive, descobre que um assassino confesso não tinha morto a socialite e Eugênio Delamare, o marido da vítima, entra para a lista de suspeitos. No entanto, Guedes encontra Dona Bernarda que lhe parece ser a testemunha de que precisa para colocar Gustavo Flávio na prisão. No final da obra, chegamos à conclusão de que o romance é um livro de memórias do escritor Gustavo Flávio. O narrador é o escritor que precisa de escrever um livro intitulado “Bufo & Spallanzani”.



**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

Ponte de Caia, Moçambique